



# O COMUNISTA

ÓRGÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUEZ (S. P. I. C.)

Redacção e Administração  
R. de São Marquês de Alegria, 30 2.º  
Composição e Impressão  
TRAV. DA AGUA DE FLOR 30

Redactor principal: M. Ferreira Quartel  
EDITOR: JOAQUIM RODRIGUES

Publicação quinzenal  
PROPRIEDADE DO  
Grupo Editor do Comunista



## NOVAMENTE A GUERRA MUNDIAL!

### A paz armada é uma fase da guerra

«A guerra é a continuação da política por outros meios». Esta importante verdade foi formulada pelo teórico militar alemão Clausewitz e tem sido, com muita razão, várias vezes repelida pelos marxistas revolucionários. Mesmo assim, não devemos interpretá-la «à letra», porque a expressão «outros meios» não é de uma grande clareza. A guerra é a política internacional feita a tiro de canhão. Mas a política interna dos Estados civilizados — que é a arte de governar — é feita, há muito tempo, a tiros de espingarda, com uma intensidade bastante apreciável para a classe operária, em tempo de greve. E assim como a ameaça dos canhões vale alguma coisa em política internacional, assim também poucos governos capitalistas, no nosso tempo, se aguentariam mais de 24 horas, se não fôsse o apoio das suas metralhadoras.

Na verdade, a guerra é, em regime capitalista, a continuação da política, mas pela violência efectiva do que pela ameaça, mas por uma violência levada à sua maxima intensidade.

Entre a paz capitalista e a guerra, não existe fronteira claramente delimitada.

Esta tão flagrante verdade não tem sido demonstrada ao povo com o necessário vigor. Fazer com que ela penetre em todos os cerebros da nossa classe, é um facto de uma inculcável utilidade. Ela proporcionaria aos proletários a noção exacta do perigo, o sentimento da facilidade com que este estado, chamado de «paz», se transforma subitamente em estado de guerra.

Este estado de paz armada assemelha-se extraordinariamente a guerra de posições, de trincheiras. Em qualquer dos dois casos se verifica uma relativa estabilização de forças. Há mais ou menos equilíbrio. Em tempo de paz armada, a diplomacia desempenha, no estabelecimento e na manutenção do equilíbrio, um papel muito mais importante do que em tempo de guerra, propriamente dita. Questão de graus. Tanto faz que de cada lado estejam trincheiras, pacificamente erigidas de balonetes, como trincheiras separadas por uma faixa de terra de ninguém, onde apodrecem cadáveres. O resultado é o mesmo: negociação, fazem-se ameaças e espera-se o momento oportuno para colher o adversário de surpresa e lançar-lhe as mãos à garganta.

Sim: é preciso que isto se diga bruta e brutalmente: a paz armada não é a paz. A paz armada é uma fase da guerra. A paz armada é a guerra de posições entre duas grandes ofensivas.

É um intervalo que cada um dos contendores aproveita, o melhor possível, na preparação técnica e moral da nova ofensiva. Acumula-se nos pontos estratégicos os «stocks» de munições, adormece a vigilância do inimigo.

Ora, nas guerras imperialistas, os governos e os Estados Maiores sabem muito bem que têm que combater, ao mesmo tempo, dois inimigos, e que nem sempre aquele em quem mais se pensa é o mais perigoso. Esses dois inimigos são os soldados que estão nas trincheiras, do lado de lá, e os que estão dentro das trincheiras do próprio país, do lado de cá. Para manter esta inobediência, para reprimir as insubordinações, é necessário reunir os esforços dos conselhos de guerra, dos serviços do moral do exército, do policiamento, de uma distribuição habil de tropas de confiança, es camponeses instruídos de forma a massacrar os proletários e as tropas das colónias prontas a massacrar uns e outros...

Este duplo caracter da guerra,

que já ontem era verdadeiro, está em riscos de acentuar-se poderosamente na proxima guerra.

Portanto, é muito acertado que nós pensemos nisso com antecedência, porque o nosso inimigo — o Estado-Maior — nem por um momento deixa de pensar no caso, não tenhamos dúvidas. Em tempo de paz armada, o mais importante é adormecer a vigilância do inimigo interno: o povo trabalhador.

Ninguém pensa em adormecer a vigilância do Estado Maior de além-fronteiras, que esse anda bem informado do que se passa, pelos seus agentes de informação.

Para adormecer a vigilância do povo trabalhador, nada há melhor do que a ilusão da paz. Não sinceramente alinhentada pelos pacifistas, que, deste modo, prestam inapreciáveis serviços na preparação das grandes ofensivas. É por isso que as classes dirigentes muito convém recalcar no espirito das massas a ideia de que a paz armada não é a guerra. É por isso que, nas épocas em que todos se armam febrilmente, se ouve, a todo o momento, falar de arbitragem e de desarmamento.

Foi obedecendo a esse criterio que, em 1914, o governo democratico da França, por exemplo, mandando alixar, por todo o país, a ordem de mobilização, a fazia acompanhar da afirmativa de que «a mobilização não era a guerra». E, enquanto isto se dizia, um diplomata francês repelia uma su prema «demarche» do gabinete austriaco em favor da paz, afirmando-lhe, em resposta: «é demasiado tarde».

Sim, naquele momento, já era muito tarde para evitar a guerra, mas ainda era muito cedo para se dizer aos trabalhadores das cidades e dos campos: marchai para a manjança.

Era preciso colhê-los de surpresa; adormecer a sua vigilância, até ao momento propicio, para assentá-lhe, em pleno craneo, o golpe da declaração oficial da guerra e do estado de sitio.

Essa mentira, a que se chama paz, é um elemento de surpresa.

A ordem de mobilização tem o fim de surpreender o inimigo interior, obrigando-o a marchar para os campos de morte. A ofensiva brusca é feita para surpreender o inimigo de além-fronteiras. Isto, que ontem foi verdade, só-lo há amanhã duplamente.

Ante o despertar da consciencia proletária, foi necessário redobrar de mentiras. Versão oficial: «A guerra de Marrocos... não é guerra». Nas terras africanas, dois marchais estão pondo à prova o seu saber na arte de matar. Para lá parte, com toda a urgencia, um corpo de tropas da metropole, com o reforço. Mas não é a guerra, isso sim! A Sociedade das Nações já está para assegurar a paz. Em volta de uma Alemanha desarmada, de uma Austria reduzida a nada, em presença de uma União Sovietista — que sobre um território mais de quatro vezes tão vasto como o das potencias da Europa

occidental todas juntas, com mais de 150 milhões de habitantes, apenas tem em armas seiscentos mil soldados vermelhos — em face de tudo isto, a Sociedade das Nações está acampada com os seus dois milhões de balonetes do tempo de paz, os seus milhares de aviões, as suas esquadras coraçoadas, os quadros dos seus exercitos de negros, os terríveis segredos da sua tecnica: gases misteriosos, modelos ainda desconhecidos de carros de assalto (em França), preparação da guerra por meio de bacilos...

E há quem tenha o descaramento de chamar a isto paz! Toda a gente compreende que é impossível acumular, constantemente, explosivos sobre explosivos: chega, fatalmente, um dia em que o incendio rompe. A Europa tem já a experiencia da paz armada de 1914. Nós sabemos que essa paz não foi outra coisa senão a preparação minuciosa da guerra imperialista, por assim dizer a primeira fase do duelo entre as coligações rivais, a fase dos armamentos e da embuscada.

Morreram dez milhões de homens e passaram-se onze anos. Os povos estão novamente na embuscada.

**A nova partilha do mundo**  
Em 1914 não era preciso ter-se uma extraordinaria clarividencia para ver que a guerra se aproximava. Todas as chancelarias, todos os Estados Maiores, todos os governos, todos os verdadeiros dirigentes da industria e da finança viam perfeitamente como ela avançava, pois eram eles proprios que a estavam provocando conscientemente. Os dirigentes socialistas do movimento operário também não tinham ilusões e bem viam a iminencia do perigo.

As resoluções dos congressos internacionais de Bile e de Stuttgart são disso uma prova, bem como a propaganda, vigorosa principalmente na França, da «insurreccção contra a guerra».

Dois formidáveis coligações imperialistas estavam, face a face, meditando-se em todos os pontos do globo, em todos os terrenos do comercio e da produção.

O progresso da marinha alemã, tanto a mercante como a de guerra, constituia uma ameaça para o dominio inglês dos mares. A metalurgia franco-russa aumentara, em face da metalurgia alemã. Tendo chegado tarde para a expansão colonial, o imperio alemão cobrava os vastos dominios coloniais do vencido de 1870, em luta com uma crise de natalidade. Ao longo dos caminhos do Oriente, conquistadores de habitos negros meditavam na forma de cortar em pedações o imperio otomano: Linha de Salonica cobrada pelos austro-alemães, petrolios da Mesopotamia, caminhos para a India, caminho de ferro de Bagdad, cobias dos britânicos, cobias dos imperios centrais. O urso coroado da Russia, irreconciliavel pelo pó de arroz e os cosméticos da conferencia da Haya, estendia a sua parte avulhada, de unhas ainda vermelhas

do sangue operário, na direcção de Constantinopla...

Estes multiplos conflitos provavam, sob os mais variados aspectos, dois factos geraes: o primeiro era que a partilha do mundo estava prestes a findar e o segundo era que em todos os países imperialistas a força operária aumentava de uma forma cada vez mais inquietante.

A guerra era necessaria para resolver os litigios, refazer a partilha do planeta e domar a força operária.

A guerra veio. Depois, a paz de Versalhes. Depois, o esquecimento da guerra. Em que estado está o Mundo?

Não iremos elaborar aqui a lista, bastante conhecida, dos conflitos que estão a amadurecer em todos os pontos estrategicos dos continentes e dos mares. Desde que terminou a guerra e que a Europa voltou ao regime de paz armada, ainda os canhões não descansaram um momento. Nesta occasião, ouvem-se em Marrocos, Balcanizada e vulcanizada, a Europa central e oriental está tão cheia de armadilhas e de laços traçoiceros que seria preciso dispor de muito tempo para os nomear. No momento em que escrevemos estas linhas a Polonia prepara-se para expulsar 35.000 alemães da Alta Silesia, em oito dias arrancados à sua terra natal, arruinados, esmagados e atirados para a frente, como os rebanhos humanos que, em tempo de guerra, percorrem o país, em todas as direcções, conforme os exercitos avançam ou recuam. A Alemanha, como represalia, expulsa do seu territorio todos os polacos, 10.000 pessoas. Douras do tempo de paz! O litigio é grave: trata-se do revólvo da Alta Silesia. Como em centenas de outros casos, trata-se aqui de conflitos economicos entre Estados não viáveis. Uma duzia de Estados, na Europa actual, estão condemnados a vegetar por não poderem viver, isto até chegar a nova guerra «libertadora»... que, provavelmente, lhes acabará com a raça.

Esta nova partilha do mundo foi feita dum modo muito diferente do que ambicionavam os vencedores.

Partilharam as colonias e uma boa parte dos territorios vencidos. Perderam muito mais do que ganharam. A revolução russa levou-lhes mais de metade da Europa e mais de metade da Asia. Esta é que foi a nova partilha do Mundo, uma partilha inesperada, essencial, o problema dos problemas; de hoje em diante, há, dum lado, o velho mundo, e do outro as republicas vermelhas.

Um outro aspecto da partilha do planeta: enquanto a Inglaterra conquistava as colonias alemãs, fême-se lhe escapando alguns dos seus dominios enriquecidos, indirectamente, pelas consequencias economicas da guerra, fortalecidos por uma industria jovem e por nova consciencia politica. A Africa do Sul, a Australia, a Nova Zelandia, o Canadá, separaram-se economicamente do imperio britânico.

Tercelro aspecto da partilha: a unica parte do Mundo onde ainda não tinha sido feita a conquista e a exploração de materias primas e de mercados imensos, a China, mostra-se pouco disposta a deixar-se conquistar: instruída pela experiencia da guerra e das recentes revoluções, desperta, resiste e cai sob a influencia natural dos Sovietes.

E isto não é tudo ainda. Sob um outro aspecto, ainda a nova partilha do Mundo, realizada pela guerra imperialista, foi para os vencedores quasi nada menos deastrosa que para os vencidos. Em regime capitalista, o ouro é o equivalente de todas as riquezas; quem possui o ouro, possui tudo: terras, officinas, mão de obra, artes e sciencias! E o poder real de uma sociedade repára na sua tecnica industrial. A riqueza da Europa capitalista, metal precioso e maquinaria, foi destruída uma parte nos campos de batalha e a outra transferida para os Estados Unidos. O centro de gravidade da produção mundial deslocou-se, passando da Europa para a America. A primeira financeira igual deslocou-se. A França e a Inglaterra, que ontem eram os banqueiros do mundo, são hoje os devedores dos Estados Unidos. E um destes devedores parece bem insolvel.

A paz armada, ou antes a guerra latente, resulta destas situações. As potencias vitoriosas não podem manter a paz que ditaram pelas armas. Os pequenos Estados de preza, vassallos dos grandes Estados — a Polonia e a Roménia são os mais característicos — não conseguem manter na sujeição um verdadeiro mosaico de nacionalidades oprimidas pela força das armas.

Vencedores e vencidos, minados todos pelas crises economicas, têm necessidade de muitas armas para se defenderem contra as suas proprias classes operarias.

Finalmente, para fazer face ao despertar da Asia e do mundo musulmano, os imperialistas precisam dos canhões.

O espectáculo vê-se de todos os lados. Sob os mais variados aspectos, é o que não representa, afinal, mais do que um caracter de união. O gregista parisiense, londrino ou berlinês, o insurrecto albanês, o camponês bulgaro no seu carcere, o estudante egipcio, o marinheiro de Changai, ouvem, no fundo das suas revólvoas, a revolução que os chama.

Todos eles sabem, muito embora confusamente, que existe um grande país, um imenso país vermelho onde se fez aquilo em que eles estão, onde se venceu, onde o povo está com eles...

E, por isso, todos os canhões da paz armada, em qualquer parte que se encontrem, são apontados para a revolução.

E o territorio da revolução, esta União dos Sovietes, irreductivel, com a arrogancia das suas bandeiras vermelhas, com os seus milhões de leguas quadradas carregadas de trigo, de ferro, de hulla, de petrolio, que objecto de cobiça para as potencias rapinantes, roídas de dividas e devoradas por tremendas crises internas!

Resultado da primeira guerra imperialista mundial, a nova partilha do mundo pôde, face-a-face, a reacção e a revolução.

Nunca, como hoje, a paz armada esteve tão longe da verdadeira paz. (Continua).

Vitor Sérgio.

J. CARLOS RATES

**A Russia dos Sovietes**

Preço 500  
A venda em todas as livrarias.



# Fracção Comunista

## Caixa Economica Operaria

Reuniu no dia 26 do passado mes de Julho, em assembleia, a Fracção Comunista dos socios da C. E. O. para nomeação do seu secretario, lugar que se encontrava vago e resolver sobre a attitude a tomar pela Fracção na proxima assembleia daquela instituição.

Presidia o camarada Alfredo Monteiro, secretario por Antonio Basmann e José Almeida.

Depois de camarada Rodrigues ter feito uma reparação sobre os todos os presentes seriam filiados na P. C. e socios da C. E. O., usa da palavra o camarada Graças Ramos, delegado da C. O. do Partido, que explica as razões que o levaram a propor na ultima assembleia o nome do C. de Sousa para secretario da Fracção, o que depois reconheceu ser um erro, em virtude de quele camarada não ser filiado no Partido.

Lá em seguida a correspondencia trocada entre ele e C. de Sousa e a C. O. do Partido.

Referindo-se á C. E. O. explica porque, depois de aprovado o Estatuto da Caixa deve ser alterado, e demonstra a conveniencia dos comunistas marcarem aqui a attitude a tomar naquelle organização.

Procedendo-se á eleição do secretario da Fracção, foi eleito para esse cargo o camarada Utra Machado.

Muito pirosos que as dos trabalhadores da industria.

Se é certo que em todos os países civilizados a classe rural tem beneficiado de algumas leis sociais, não é menos certo que ella continua a ser a classe que mais sofre material e moralmente, nomeadamente em Portugal, onde, nos sectores de terra que se beneficia de qualquer das leis que até agora foram sido promulgadas de protecção á classe operaria.

A lei dos salarios no trabalho, que deveria ser extensiva a todos os trabalhadores, e, sobre, nomeadamente, a classe rural.

Tudo isto, são lances, ou perigos a que esta classe, em varias modalidades da sua profissao, está arrojada: golpes de machado, a poda de ardores ou extracção de cortiça, quedas de montes ou impossibilidade do trabalho por muitas semanas ou para toda a vida; e, ainda, a falta de protecção social e de uma unica protecção para si e para os seus.

Assim, a conferencia camponesa, propõe-se:

1.º Empregar todos os seus esforços para que as classes dos camponeses seja incluida na lei dos salarios do trabalho, em todos os ramos da sua industria.

2.º Os sindicatos aqui representados, obrigam-se a levar ao proximo congresso dos sindicatos rurais, este momento decisivo.

Falou sobre esta tese os delegados de Beja e de Coruche.

Ferreira Quartel, um longo discurso, lousou os perigos a que estão sujeitos os trabalhadores rurais e termina por dizer que os rurais não são, devido á sua pouca cultura, para grandes discursos, mas, no entanto, as suas afirmações são concretas, rudas mas sinceras.

Os patrios chamam essas creaturas como se fossem cães, tal é o desprezo que votam as suas servidões.

Diz ainda que ha attitudes a attitude da camarda delegada de Val de Vargo, em manifestar a opiniao de que se leve esta questao ao Congresso.

Por fim foi a tese aprovada por unanimidade, em alterações.

Tratou-se a seguir da lei do Ezequiel de Campos sobre terrenos baldios.

O delegado de Gerucha diz que na sua villa foram afianças nos estalios sobre o cumprimento da lei mas que no centro da cidade estavam todos arrendados. Contudo a autoridade dá estar disposta a fazer cumprir a lei, o que despiu á que lhe pediu em causa.

E' igualmente de opinião que esta tese deve ser tratada no proximo Congresso.

Ferreira Quartel pergunta: no caso de não sortirem efeitos as demarchas que se vão encaixar, o que deve fazer a classe?

Bernardus B. Machado julga que esta deve fazer manifestações varias de protesto por intermedio da acção dos sindicatos, etc.

A assembleia manifestou-se do mesmo accordo. Quartel lamenta a desorganização dos sindicatos, apesar das tentativas de acção feitas na propaganda pelo Alentejo.

Por fim o presidente encerra a sessão nos termos á organização camponesa e encerra, fortissima e conclusiva.

Não quis o estudante do pessoal do Arsenal de Esquadra deixar de manifestar, de uma forma mais individual e sua satisficção por ver os camaradas rurais, numa comissao de ideias, tratarem os seus interesses com o por isso, após a terminação da Conferencia, serviu os delegados e mais camaradas que se encontravam presentes numa bela e alegre festa em que houve discursos, chistes de sinceridade, satisficção e entusiasmo.

Sabemos ainda que a Cooperativa dos Camponeses do Porto de Lisboa tambem quer manifestar e sua simpatia pelos camponeses rurais e assim por de entre outros os seus bairros, que se transportem bem como a outros camaradas num longo passeio, no dia seguinte, pelo Tejo e onde se fizeram bons discursos e boas afirmações de principios.

Fazemos votos para que estas manifestações se registem mais individualmente e o proximo Congresso Rural ocorra com a mesma elevação e dignidade que se manifestaram nesta Conferencia, a fim de que os mesmos possam ser trabalhos praticos e a saúde de todos os trabalhadores rurais, aliados nos seus estalios.

# Como crear uma celula de oficina Duas cartas de militantes

(Comunicado pela Secção de Organização da I. C.)

Os partidos estão ainda encetados a aplicar, esgotadamente, o principio da organização sobre a base das celulas. E' evidente depois de ter registado os membros por officina, que se procede por uma vez á organização das celulas, uma após outra, conforme as disposições da Direcção do partido.

As Comissões Centrais esquecem que é necessario visar porque cada membro do partido saiba tomar a iniciativa da criação da sua celula.

Cada camarada deve estar á altura de encontrar na officina, camaradas do partido e simpatizantes e criar com eles a celula comunista.

Nó na officina ele deve procurar ganhar, entre os operarios, camaradas para o partido e organiza-los em celula.

E' necessario, evidentemente, reconhecer da mesma forma as officinas, a fim de tornar possível o plano de organização das celulas e o seu controle.

Mas, o estabelecimento do plano, não deve abafar a actividade pessoal dos camaradas porque, a construcção sistemática das celulas não será possível, que seja empregada a iniciativa de cada membro e dando a cada camarada a sua parte de trabalho.

A fim de mostrar aos militantes como se cria uma celula, é necessario que a Imprensa cotidiana dos partidos publiche, o mais frequentemente possível, exemplos que lhes imprimam coragem.

Daremos em seguida alguns, na esperanca de que os camaradas esclarecidos, abundantemente, as Direcções dos partidos sobre estas questões, a fim de que a publicação das suas experiencias seja larga e aproveitavel.

**O homem de confiança do partido numa empresa mineira**

Diz:— Vieram á nossa mina, operarios de muitas localidades, entre os quais escolhi os que me pareceram dignos de toda a confiança e reunimo-nos um domingo.

Discuti-se o trabalho da celula na officina. Deriamos nós existir legal ou ilegalmente?

Depois de nos termos pronunciado pela clandestinidade e estarmos de accordo sobre os meios de alisar todos os camaradas, nós tivemos uma reunião onde foi discutido o trabalho das celulas de officina.

Depois, passamos á organização da celula; na nossa mina trabalham successivamente 3 turnos.

Foi nomeado um organizador de celula por cada turno da mesma forma que um organizador sindical e um organizador de propaganda.

Estes camaradas constituiram a direcção da celula. Eles foram encarregados, pelo individuo de confiança da Comissao Central, de a cada membro do partido, trabalhando na mina, uma tarefa regular.

Tornei as organizações de celulas responsaveis pela execução de todos os trabalhos do partido na mina.

Cada um deles informava por escrito todos os camaradas da sua subsecção, devendo ficar em relação constante com eles. Na qualidade de homem de confiança, eu controlo a informacão dos camaradas de cada turno. Assim é possível fazer fazer todos os camaradas contribuírem no trabalho pratico.

A nossa celula reun-se todos os quinze dias. Cada organizador de turno é responsavel pela presenca dos seus homens nas assembleias. Cada um apresenta um relatório sobre a actividade nas duas semanas passadas, o que torna as reuniões interessantes.

A questao mais complexa é a da cobrança das cotizações na officina, não tendo a direcção do partido ainda fixado a maneira de a fazer.

Existem locais que não abandonaram ainda o antigo sistema e não estão ainda convencidos da necessidade do trabalho das celulas.

Actualmente estou fazendo a experiencia de receber as cotizações na officina, da maneira seguinte: foi nomeado um sub-tesoureiro de celula para toda a empresa. Este ultimo dá contas ao tesoureiro da localidade. E', portanto, assim, possível aplicar o novo sistema de finanças do partido na officina.

O que nos diz outro chefe de celula sobre a sua fundação

Recebi da direcção local do partido os nomes dos camaradas que trabalham na mesma officina. Conheço alguns deles pessoalmente; os outros,

mas ou menos conhecidos porque lá se tinha visto nas assembleias da officina. Dirigi-me logo de principio aos camaradas que eu conhecia melhor e lhes apresentei os nomes dos membros do partido e convidé-os a todos a uma reunião nessa mesma tarde.

Eu não tinha inscripto na minha do dia somente creio que me afidô fundação de uma celula de officina, tive occasião de preparar a discussao de factos que interessavam, nesse momento, os operarios da empresa. O resultado foi satisfatorio.

Dois convencidos faltaram apenas dois que se excusaram. A celula fundou-se. Então avisei a direcção local do partido da existencia da celula da officina.

A segunda reunião teve lugar no fim do trabalho, num local visinho da officina.

Foi-nos enviado um conferencista pela direcção do partido, a fim de nos elucidar sobre a situação politica. Esta foi tratada em relação com a nossa industria e o nosso trabalho de maneira a apresentar para nós um interesse directo.

Podemos no dia seguinte fazer na officina uma excelente propaganda oral, estando á altura de poder ligar as paginas preoccupações cotidianas ás grandes questões politicas.

Afirmo que, depois da formação da celula, os camaradas cumprem melhor um pouco o trabalho do partido.

Temos, emfim, quadros solidos para a propaganda na officina, estamos assegurados de que as nossas publicações são ali realmente distribuidas. Depois de ter alargado a nossa celula, admitindo nela todos os comunistas, nós passamos á publicação de um jornal de officina. A nossa inexperiencia a tal respeito era total; mas um jornal do partido tem-nos dado as instruções economicas e desde então, isto marcha bem. O nosso jornal de officina fez naturalmente o descontentamento do patrão!

Os operarios com partido vêm discutir commoço cada numero, formando-nos mesmo uma util documentação.

Podemos á prova o interesse que elles têm nas questões politicas, abriremos subscrições para o Socorro Vermelho e, num periodo eleitoral, em favor do partido, sendo os resultados satisfatorios.

Tais são as minhas experiencias. A principio alguns camaradas não queriam a celula, eles estavam ainda muito agarrados á antiga organização local.

Eles reconheceram que a celula é muito mais conveniente e mais util ao partido, que a antiga organização. A influencia do partido na officina tem aumentado sensivelmente, o contacto entre camaradas tem-se desenvolvido. Eu queria, para concluir, gritar a todos os camaradas:

«Cria em toda a parte celulas, publicas em cada officina um jornal de officina, faz publicar as vossas experiencias na imprensa do partido. Este é o meio de entender a influencia do partido!»

«E' este o meio do partido cumprir a sua missão!»

**Manuel Tavares**

As ultimas noticias chegadas da Guiné trouxeram-nos a dolorosa noticia do falecimento do camarada Manuel Tavares, filiado no P. C. P. e antigo secretario da Comuna do Beato e Olivais.

Operario honesto, bondoso e exemplar chefe de familia, Manuel Tavares não era, não foi nunca, um defensor do atomismo pessoal ou fabricante de bombas. A sua deportação foi uma violencia extrema e o misturaramo com a Leylla Vermelha, foi uma infamia inqualificavel.

Manuel Tavares deixou viuva e dois filhinhos de tenra idade ao desamparo. O operariado nunca poderá perder ao governo Vitorino Guimarães e, em particular, ao ministro Vitorino Gidinho, o crime hediondo cometido contra Manuel Tavares.

# A Lingua Internacional

## O Esperanto como instrumento de communicacão entre os trabalhadores de todos os paises

A fracção comunista dos trabalhadores esperantistas da Suecia, decidida, numa reunião separada que teve no Congresso esperantista operario, realizado em Udevalla, a seguinte resolução:

«A resolução redobra de furia. Breve temos mais um aniversario da guerra, e se reunos para gritar: NÃO MAIS GUERRAS! NÃO SABEMOS DAS MANEIRAS que contem o palavrão de que a paz se afirma pela democracia e reforma no quadro da sociedade burguesa», por que, até agora, os diplomatas capitalistas se organizam para lançar os povos numa nova batalha sangrenta.

«As batalhas na China e em Marrocos, onde os hospitalistas se esforçam por conservar os seus direitos de opressão e supremacia, são verosimilhantermente o preludio para a nova guerra.

«Mas porque os povos destes paises se começam a reunir para a batalha libertadora, inoita-se contra a Russia dos Sovietes, e tudo nos indica que os capitalistas procuram excitar, trabalhadores e capitalistas, nos paises imperialistas a tornarem se executores da revolução, pela participação no combate contra a Russia operaria e camponesa.

«Nós, revolucionarios esperantistas, evidenciamos a esse respeito a nossa solidade que, os povos de todos os paises, tem de se informarem sobre o verdadeiro estado na Russia, e enviamos do nosso Congresso uma solidariedade saudavel ao proletariado batalhador de todo o mundo.

«Sublinhamos a necessidade que o proletariado tem de ir á obra comum internacional, contra novas guerras, sobre a base da luta de classes. O Esperanto auxillou-nos nas diligentes relações entre os nossos camaradas da Russia e outros paises, e por isso nós sentimos a solidariedade internacional mais firmemente ligada.

«Alguns de entre nós que aqui tomaram parte, apoderaram de compreender commoço por meio da correspondencia em Esperanto e pela imprensa esperantista revolucionaria.

«Por isso, cremos que é uma coisa deveras importante, que os partidos comunistas, mais do que até agora, aientem o nosso esforço, de dar ao proletariado um instrumento de ligação na communicacão internacional.

«Nós olhamos o Esperanto não como um fim, ele é tão somente um instrumento na luta internacional da classe trabalhadora.

«A todos os trabalhadores uma saudade revolucionaria.»

(as) **Anton Norlin**  
**Quatu Orslin**  
**Mau Neugbauer**  
(eleitos para assinar)

(Informação da Portugalia-Konfrabulo de A. T.)

## Vida partidaria

Celula comunista das Aguas Santas Maia — Reuniu no dia 6 do corrente a Comissao Administrativa deste organismo que, depois de alguma discussão, aprovou um vasto plano de propaganda comunista, a pôr em execução nesta frequencia e arredores. Em seguida aprovou 5 novas propostas para filiados sendo outra registada em virtude do proposito não estar em harmonia com a lei organica do Partido.

## Socorro Vermelho

A Comissao Central do Socorro Vermelho convida os presos, perseguidos ou suas familias a communicarem para a Calçada da Graça, 19, 1.º, as suas moradas, prisiones onde se encontram e motivos porque estão presos ou perseguidos, a fim de poderem ser socorridos.

## As incoerencias deles

Reuniu a assembleia geral, em 15 de corrente, do pessoal do trabalho, para apresentar uma circular emanada da Federação Maritima a todos os sindicatos e trabalhadores, com a seguinte redacção: «A Federação Maritima, em virtude da sua natureza, não tem o dever de se constituir em organo de controle dos sindicatos, mas sim de os auxiliar e orientar. Nesta assembleia, dois ou tres individuos usaram da palavra, entre os quais, o sr. Alvaro Oliveira, mandatado do sindicato, que fez de algumas palavras, não com os comunistas que estão dentro da central dos sindicatos, mas com os comunistas que a orientam.

Nesta assembleia, dois ou tres individuos usaram da palavra, entre os quais, o sr. Alvaro Oliveira, mandatado do sindicato, que fez de algumas palavras, não com os comunistas que estão dentro da central dos sindicatos, mas com os comunistas que a orientam.

Naturalmente, o sr. Alvaro Oliveira, reconhecendo a C. G. T. Não interessando o Sindicato rural da Alentejo Nova de S. Bento, aprovou uma moção que os comunistas tendiam a atenuar a crise do trabalho na classe rural, endereçando-a a todos os sindicatos seus congressos, para que estes, por sua vez, a fizessem convergir á respectiva Federação de Indústrias, sendo por esse organo registada a moção com o seguinte tenor:

Mais tarde o sindicato dos ruzcos de Oureno fez um convite a todos os sindicatos rurais para tratar casualmente da lei 1243, uma conferencia que se realizou em Lisboa e cujo relato nosso legar publicamos.

Aparece a C. G. T. Na colunna do seu organo barbaresco contra esse facto, dizendo que estes sindicatos usurpavam as funções da Federação, que saltaram por cima della, etc., etc.

Alvaro e Federação Maritima, em Conselho Federal, resolveu suspender os relações com a C. G. T. e a pouco esta, no seu organo, a associar os sindicatos Maritimos que não seletam as resoluções da sua Federação!

## Utopistas

Como é triste lermos, nos jornais burgueses, que a C. G. T. se está desmembrando.

E qual a razão? Há um cortejo que a C. G. T. alberga, numa das suas dependencias, o peço, guero e mudo; por isso a natural consequencia do que se está passando.

Alguns Sindicatos não concordam com o que se passa dentro do Conselho Confederado, ou seja o amesquinhamo dos seus delegados, como, por exemplo, o que succedeo ao Sindicato do Pessoal Arsenal do Exército e a outros, e sendo lido-se o relatório inserto no «Arreagalistas» de 1 do corrente mês.

Não se compreende que, quando queremos a transformacão social, haja algum, pavonando-se de orientador da massa operaria, que lhe ponha estracuras, para de maneira alguma se chegar a um accordo. Não pode ser!

Se há quem tenha dvidas á esse respeito, queira intear-se da verdade lendo «A Batalha», de há um certo tempo a esta parte, que ha de suppr tratar de um jornal burguez.

Para que servem essas companhias contra a Russia?

Quantas vezes, ao ler «A Batalha», me lembro de Gravo e Meleto, bem como de Sandenirki, Gopper, Tinovikais, etc., etc., da Russia, Sakal, Ougi, etc., de Japão, e tantos outros conhecidos?

Dizei-me: quando estarão educadas as massas para esse milagre da transformacão social como vão a conheceis?

Dizei-me se o primeiro automovel que se construiu seria igual ao Roll-Royce de hoje, ou a primeira locomotiva a vapor seria igual á de 1925?

No meu fraco pensar (fraco, pois eu comunista, porque se fosse anarquista seria, como o ideal limitado) não têm comparção, devido ás deficiencias das primeiras em contraste com as de hoje.

Não seriam os engenheiros que, com um esforço aturado, fechados nos seus gabinetes de trabalho, estudaram a remodelação de novas peças, para chegarem á perfeicção que nós hoje admiramos nesses maquinismos de firo e velocidade?

Não sucederá o mesmo com a transformacão do estado capitalista para o proletariano?

Quando essa transformacão se dar, que trabalho não será necessario fazerem os novos detentores?

Fenali, por momentos, o que seria se receber-se uma machada de milhões engrangados, já em estado dete-

# A BOLCHEVISACÃO

## Questões de organização

A condição primordial da bolchevisação é uma política justa, conducente à conquista das massas. Sem uma política verdadeiramente bolchevista, assegurar as convenientes relações entre o partido e os operários sem partido, forma alguma de organização nos conduziria ao almejado fim; mas a melhor política de um partido bolchevista não poderá impôr-se às falanges partidárias e por estas às massas operárias se o partido não possuir uma perfeita organização.

O leninismo elaborou, depois da sua experiência revolucionária, um sistema de concepções sobre organização que tem uma capital importância para a bolchevisação dos partidos.

A principal forma de organização de todo e qualquer partido bolchevista é a célula partidária na empresa. O antigo partido de organização copiado da social democracia, quando o partido foi organizado segundo as circunscções eleitorais, em vista das eleições parlamentares, não convem aos comunistas. Um partido autenticamente bolchevista é impossível se a organização não for baseada sobre células de empresas.

A par das células de empresas e do trabalho nas organizações variadas como os sindicatos, os comités de fábricas, as cooperativas, etc., é preciso fundar toda uma série de organizações auxiliares em redor do partido: Associações de inquilinos, de desempregados, de combatentes, etc. (com as fracções comunistas no seio destas organizações). A bolchevisação exige que o nosso partido se aproveite de todas as ocasiões para conduzir a rede que estas organizações representam o mais serrada e o mais subtilmente possível.

É preciso utilizar-mos cada questão, quando tenha actualidade, para fazer salientar esta ou aquela organização, seja embora uma questão mal definida, contanto que seja vivaz.

A iniciativa da criação de semelhantes organismos deve ser tomada pela direcção do partido por intermédio dos membros do partido que deverão de seguida encarregar-se da direcção d'estas organizações. Os comunistas devem então constituir as fracções comunistas que recebam as directrizes a tomar da direcção do partido.

É preciso continuar a propaganda pela reorganização do nosso partido sobre a base de células de empresa de forma a dá-la por terminada e aceite no mais curto espaço de tempo. As direcções dos partidos devem seguir com uma especial atenção o trabalho das células, estabelecer um estreito contacto com elas, orientar-las, prepará-las os trabalhos necessários, e chama-las à discussão e à resolução de todas as questões políticas, económicas e de todas aquelas que digam respeito à vida interna do partido.

É preciso não esquecer que esta organização não é ainda a bolchevisação completa, é apenas uma parcela; e é também preciso não esquecer, que depois de organiza-

riado, e ter que a pôr a funcionar como deve ser. Mas se, porventura, a atenção dos que tomarem conta do arranjo da máquina tiver que ser desviada desse trabalho, por motivo dos seus inimigos, que são muitos, que têm eles a fazer?

Entregarem-na a alguns seus colegas, para dela tratarem, enquanto uns escorçam da oficina algum ambicioso e outros vigiam as portas.

Necessariamente, será mais demorado o concreto. Não importa. A questão é fazê-lo.

É a nossa consciência não lhes diz que os homens que se entregarem exclusivamente a esse trabalho não seriam mortos nos seus próprios lugares?

Oh! inconscientes! Da burguezia, tudo esperávamos. Mas daqueles que têm a obrigação de ajudar, com o seu esforço, esse concreto... São eles os que, com a sua campanha, ajudam a forçar as portas dessa oficina, onde esses homens desejariam estar escorçados, para acabarem a sua obra e, depois da conclusão do trabalho, a ofereçam a essa mole enorme que se chama o proletariado.

O resto, é simplesmente utopia.

das as células, não firmemos mais do que iniciar o trabalho, pois o partido deve actuar para lhes dar chefes habilitados, mas formados nas fábricas e oficinas, a conduzir a sua acção de forma a conquistar uma influência grande sobre as massas, na fábrica, na oficina, etc.

### A bolchevisação e as resoluções do I. C. sobre as questões de organização

A resolução do III Congresso Mundial sobre as questões de organização está longe de estar por toda a parte aplicada. Um dos pontos, dos mais importantes é aquele que diz «cada membro do partido deve ter uma função na organização partidária e que todo o mecanismo partidário deve ocupar nos seus trabalhos o maior numero possível de comunistas de classes». O Executivo ampliado lembra ainda mais uma vez esse ponto da resolução e reputa que o seu cumprimento é uma das condições da bolchevisação. O Executivo ampliado chama a atenção dos partidos comunistas sobre a resolução votada pela conferência de organização e convida à sua completa aplicação.

### A bolchevisação e o problema dos quadros

Para criar um partido bolchevista, é preciso saber forjar durante anos, quadros suficientemente fortes. Esses quadros criam-se não sómente por meio das eleições organizadas, mas também e principalmente pela selecção no trabalho. Esta selecção demanda um tempo assaz longo. Desde a célula até ao Comité Central do partido essa selecção não se pôde fazer senão por meio das provas dadas «na luta».

Uma das tarefas de entre as mais importantes de cada partido é o recrutar da maneira mais escrupulosa os quadros dirigentes entre os operários que se salientaram pela sua energia, seus conhecimentos, sua experiencia e dedicação ao partido. O organizador comunista não deve ser educado no habito de se ocupar da revolução como dum passa-tempo, mas sim, de ser inteiramente dedicado à luta revolucionária e estar indisputavelmente à disposição do partido.

Um organizador comunista não deve assimilar-se a qualquer «militante responsável» ou a um «fonctionnaire social-democrate». Um organizador comunista deve actuar e trabalhar entre as massas, na fábrica, na oficina, na missa, sempre pronto a ser enviado pelo partido onde a causa o chama. É preciso auxiliar os operários a serem organizadores de massas, chefes comunistas e sindicais.

O valor duma vanguarda é muito, mas tanto ella como os quadros do partido não estarão à altura da sua missão, sem que pela sua actividade estejam em contacto com as massas extra partidárias; esquecer isto e fecharem-se na esfera de acção partidária é para todos os efeitos deixar de ser vanguarda.

É absolutamente necessario actuar de maneira que os organismos dirigentes do partido tenham cada vez mais um caracter accentuadamente operario. É preciso ter muita consideração pelos chefes operarios, tratá-los com atenção e paciencia ajudá-los, habilitá-los a trabalharem sózinhos, de habitúlos a observarem os resultados dos seus proprios estudos sobre qualquer assunto de envergadura.

## Manuel Tavares

Passou-se apenas um numero do nosso quinzenario, depois do assassinato pela policia do nosso camarada Domingos Pereira, e já temos a registrar nas suas colunas outra vittima do odio tenebro que um governo tebeizado de machabro memoria, votou a classe operaria, para satisficção de um tarado, que por infelicidade nossa é maior da Policia.

Manuel Tavares, que os jornais comunciam ter morrido em Africa, nas regiões mortíferas da Guiné, um dos deportados ultimamente, sem qualquer especie de julgamento e, longe de se equiparar com os pseudo «legionarios vermelhos», era um operario honesto da industria de barba-fia.

Foi militante activo da sua classe, a cuja direcção algumas vezes chegou a pertencer e era filiado no Partido Comunista Portuguez, quasi desde a sua fundação.

A sua dedicação ao Partido elevou-o a secretario da Comuna do Beato, que ele conseguiu reorganizar.

Com a morte de Manuel Tavares perdeu o Partido um dos seus mais dedicados militantes, e a continuar este governo a manter a obra criminosa dos seus antecessores, decreto não se passará outro numero do nosso jornal sem que tenhamos de registrar nas suas colunas mais alguns assassinatos praticados pelo governo Vitorino Guimarães e seus successores.

Manuel Tavares era casado e deixava viuva e mais dois filhinhos de tenra idade, um dos quais nasceu já depois da sua deportação, na mais atroz miseria.

Esperamos que o actual governo reparo os erros dos seus antecessores para que não tenhamos de e considerar igual a eles e portanto pior que quantos «Legiões» vermelhas ou negras possam aparecer. O tempo urge.

J. Rodrigues

### «O Comunista»

Vende-se na tabacaria da Brasileira do Rio de Janeiro, e no kiosque Sanchez, praça dos Restauradores.

Por motivo dos seus muitos afazeres deixou o cargo de redactor principal de «O Comunista», o camarada J. Carlos Rêtes, que ficou sponso com o secretario geral, sendo substituido, temporariamente, no jornal pelo camarada M. Ferreira Quartel, que acumula este cargo com o de secretario interno do Partido e a quem deve ser dirigida toda a correspondencia.

Esta noticia ad por lapso deixou de ser incluída no numero anterior.

### A questão sindical

#### proximo Congresso Operario

A todos os camaradas recomendamos a leitura deste folheto pela oportunidade do assunto tratado.

Não se podem ver as causas da crise sindicalista e as soluções que urge applicar.

O seu preço é de 60 centavos e os pedidos devem ser feitos a Ferreira Godinho, rua do Arco do Marquez de Alegrete, 30, 2.º - Lisboa.

### BIBLIOTECA COMUNISTA

- Volumes publicados
- Lenin: Os Comunistas e os Camponeses, 1650. — Pelo correio, 1670.
  - J. Carlos Rêtes: O papel das Comunas e a Questão Agraria, 2450. — Pelo correio, 2470.
  - O seio das camponeses, 450. — Pelo correio, 460.
  - A questão sindical e o proximo congresso operario, 400. — Pelo correio, 470.
  - Mars e Engels: Manifesto Comunista, 2450. — Pelo correio, 2470.
  - Colombo Brandão: A Russia Proletaria, 6500. — Pelo correio, 6550.
  - Pedidos a Ferreira Godinho, rua do Arco do Marquez de Alegrete 30, 2.º

### Bolchevisação, disciplina e democracia interior no partido

O partido bolchevista não considera no seu seio a democracia como um principio absoluto; de facto os partidos estoniano e bulgaro não podem actualmente aplicar a democracia interior no partido como o podem fazer os partidos francos e inglezes. O partido alemão não pôde em tudo agir como o P. C. Russo, por exemplo, nas depurações e condições de admisso. As formas de organização interior devem ser subordinadas ás exigencias da luta pela ditadura do proletariado. Porém em todas as circunstanças um partido comunista deve manter uma determinada liberdade de critica interior, um espirito de igualdade entre os seus membros, uma solicitude da parte dos organismos superiores pelos inferiores, o principio electivo, etc.

Está nisso uma das condições da actividade da massa partidária. da comparticipação de todos os organismos inferiores, de todas as células na vida politica e na organização partidaria e até mesmo das iniciativas de operarios no partido.

Uma disciplina de ferro, proletaria é uma das condições mais importantes da bolchevisação. Os partidos que inscrevem nas suas bandeiras a frase: «Ditadura do proletariado» devem compreender, que a ditadura proletaria nunca será um facto se o partido não possuir uma disciplina de ferro creada durante anos e anos. Aos bolchevistas não satisfaz a repetição das taxativas regras das social-democratas sobre disciplina em geral, pois acham necessario que se compreenda não ser possível conduzir a guerra civil, canalizando-lhe a violencia para a conquista do poder politico e estabelecer a ditadura do proletariado, sem uma rigorosa disciplina interna, baseada numa unidade ideologica, pois que sem isto a guerra civil como momento propicio que para nós é está antecipadamente perdida.

### A bolchevisação e engrenagem partidaria

Um partido centralizado, solidamente organizado, bolchevista, é impossível sem uma engrenagem correspondente.

Presentemente ha determinadas secções da I. C. que tem uma engrenagem demasiado complicada e que por consequencia redundam em burocratica e outras ainda quasi que a não tem.

O executivo ampliado encarregou o comité directivo de combinar com a Secção de Organização e com os representantes dos diver-

sos partidos, a elaboração das medidas que permitam a cada partido crear uma engrenagem apropriada à sua acção.

### Bolchevisação, na propria critica

O combate contra aquilo a que Lenin chamou a gabarolisse comunista, o esgo dos seus proprios actos, a presunção entre os comunistas, é uma outra das condições importantes para a bolchevisação. Uma critica sé nas nossas proprias linhas, ditada com o pensamento nas conveniências da revolução proletaria, a luta contra a exageração das nossas forças e dos nossos successos (mas tambem contra os pessimisticos exageros), apreciação e realista das forças do adversario é indispensavel, pois sem isto não haverá bolchevisação de verdade.

### Método de trabalho e verificação da sua execução

Em todos os países onde o trabalho do partido comunista é um tanto ou quanto anormal, irregular, é necessario elaborar um plano geral de acção, para seis meses, um ano, etc., a fim de praticar a concentração nas forças partidarias para um fim (o determinado).

Observou-se, em seguida, que os organismos centrais e locais adoptam decisões, de facto logicas, mas não as sabem fazer cumprir. A verificação da execução das decisões adoptadas, deve ser uma das normas de vida de todas as nossas organizações. Mais vale tomar menos decisões, mas conseguir, a todo o custo, o seu rigoroso cumprimento. «Menos mas melhor, pouco mas bom» (Lenin).

### Bolchevisação e direcção internacional

A criação dum partido comunista mundial, fundamentado nos principios do centralismo democratico, exige trabalhos esforços da parte de todas as secções filiadas na I. C. A bolchevisação é incompativel com as tendencias separatistas e federalistas. O partido mundial leninista deve ser unido, não por uma disciplina mecnica, mas sim por uma unidade de vontade na acção do partido. É preciso terminar, de vez, com o espirito do individualismo do setarismo de facção. Cada partido da I. C. deve pôr ao serviço da direcção internacional os seus melhores militantes.

É preciso fazer penetrar as massas de que, na época em que vivemos, as lutas politicas e economicas do proletariado não podem ser ganhas, não sendo orientadas por uma direcção internacional unica.

Toda a correspondencia quer para o P. C. P. quer para o jornal deve ser dirigida a Manuel Ferreira Quartel, rua do Arco Marquez de Alegrete, 30-2.º, Lisboa.

## «O Comunista»

REDACCAO E ADMINISTRACAO  
R. Arco Marquez do Alegrete, 30, 2.º - LISBOA